Volume 19 Issue 42
Originally issued as C4



Global Journal of human-social science: C
Sociology & Culture
Volume 19 Issue 4 Version 1.0 Year 2019
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals
Online ISSN: 2249-460X & Print ISSN: 0975-587X

Memory: I Think, Take a *Selfie*, Post it on Facebook, Therefore, I Am

By Maraline Aparecida Soares & Silvia Regina Nunes
Universidade do Estado de Mato Grosso

Abstract- This research aims to discuss how a *selfie* produces meaning for and through subjects. It is already known that the *selfie* is an image, and not an oral or written production, but we comprehend that, according to the Discourse Analysis theoretical field, it seeks to comprehend the workings and the production of meaning, considering the constitutive relationship between language, subject and history. Just as with words do not originate in us, since we just reproduce and re-signify them, it is no different with the *selfie's* discursive gesture. There is a discursive memory in looking at oneself in order to capture one's image, be it on screen or through their *smartphone*. The ritual of the self-portrait is sustained by and in this memory. A process of re-significance of the practice of self-registry determines the *selfie's* productions of meaning, which relates to the ideological conjuncture of the production conditions of the digital discourse. Furthermore, we present how the social networks call on the subjects for massive productions of *selfies*, in order to maintain their profiles in the limelight, through the ideological notion of consumption and circulation.

Keywords: *selfie, social networks; subject; language; discursive memory, self-portrait.*

GJHSS-C Classification: *FOR Code: 160899*



Strictly as per the compliance and regulations of:



© 2019. Maraline Aparecida Soares & Silvia Regina Nunes. This is a research/review paper, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-Noncommercial 3.0 Unported License http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/), permitting all non-commercial use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Memory: I Think, Take a *Selfie*, Post it on Facebook, Therefore, I Am

Sobre A Memória: Penso, Faço Um *Selfie*, Posto No Facebook, Logo Existo

Maraline Aparecida Soares [α] & Silvia Regina Nunes [σ]

Abstract- This research aims to discuss how a *selfie* produces meaning for and through subjects. It is already known that the *selfie* is an image, and not an oral or written production, but we comprehend that, according to the Discourse Analysis theoretical field, it seeks to comprehend the workings and the production of meaning, considering the constitutive relationship between language, subject and history. Just as with words do not originate in us, since we just reproduce and re-signify them, it is no different with the *selfie's* discursive gesture. There is a discursive memory in looking at oneself in order to capture one's image, be it on screen or through their *smartphone*. The ritual of the self-portrait is sustained by and in this memory. A process of re-significance of the practice of self-registry determines the selfie's productions of meaning, which relates to the ideological conjuncture of the production conditions of the digital discourse. Furthermore, we present how the social networks call on the subjects for massive productions of *selfies*, in order to maintain their profiles in the limelight, through the ideological notion of consumption and circulation.

Keywords: selfie, social networks; subject; language; discursive memory, self-portrait.

Resumo- Busca-se discutir neste trabalho como a *selfie* produz sentidos para e por sujeitos. Sabe-se que *selfie* é uma imagem, e não uma produção oral ou escrita, mas compreendemos, de acordo com o campo teórico da Análise de Discurso, que visa compreender o funcionamento e a produção de sentidos, considerando a relação constitutiva entre língua, sujeito e história. Assim como as palavras não se originam em nós, uma vez que apenas as reproduzimos e ressignificamos, com o gesto discursivo da *selfie* não é diferente. Há uma memória discursiva para o gesto de olhar-se para se registrar, seja na tela ou pelo *smartphone.* O ritual do autorretrato se sustenta por e nessa memória. A produção de sentidos da *selfie* é determinado por um processo de ressignificação das práticas de auto registroque se relaciona a conjuntura ideológica das condições de produção do discurso digital. Além disso, apresentamos como as redes sociais convocam o sujeito para a produção massiva de *selfies*, para manter o perfil em evidência nas redes sociais, através da ideologia da circulação e do consumo.

Palavraschave: selfie; redes sociais; sujeito; linguagem; memória discursiva; autorretrato.

> *Quando as redes digitais de comunicação teceram seus fios ao redor do planeta, tudo começou a mudar vertiginosamente, e o futuro ainda promete outras metamorfoses. (SIBILIA, 2008, p.12).*

I. Introduction

A *Internet* ressignificou e vem ressignificando a forma de funcionamento da língua(gem). Esse deslocamento promoveu, no âmbito da constituição, formulação e circulação de imagens, uma diferente forma de apropriação e circulação da fotografia no espaço digital; estamos nos referindo a *selfie.* Impactada diante deste material, dado seu ineditismo e sua acelerada propagação, incluindo pessoas de todas as idades, promovendo *status* de celebridades para alguns, polêmicas para outros, e, ainda, as que causam a própria morte, e não havendo condições de ler, interpretar e compreender um objeto tão abrangente, a motivação dessa pesquisa foi a necessidade de reflexão sobre essa prática, em que, a partir da descrição e análise de um *corpus* organizado – as *selfies* - mostrou-se o modo como o sujeito contemporâneo se significa nas condições da vida digital.

As compreensões acerca da prática da *selfie* são resultantes da análise que desenvolvemos ao longo de uma pesquisa de mestrado que teve como objeto de estudo um conjunto de *selfies* selecionadas pela grande repercussão midiática que obtiveram, pois sabemos que quando acessamos as redes sociais, nos deparamos com o fenômeno da "proliferação" de *selfies* em circulação. Encontramos *selfies* coletivas, individuais, outras com animais (gato, cachorro, etc.), *selfies* em locais perigosos, entre outras.

Selfie é uma modalidade de imagem fotográfica, em que, o fotógrafo, tira/faz foto de si mesmo, para pôr em circulação a partir da conectividade permitida pela *Internet*. Essa prática se tornou possível a partir do momento em que um conjunto de tecnologias alcançou certo patamar de desenvolvimento na sociedade. Referimo-nos ao surgimento e posteriores desenvolvimentos da *Internet*, das câmeras fotográficas, e a inserção destes, nos aparelhos de telefonia móvel.

Author α: Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística-PPGL/UNEMAT. Pesquisadora do grupo Discurso e Mídias Sociais. Endereço eletrônico: maralinesoares@hotmail.com
Author σ: Doutora em Linguística pela Unicamp. Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso, onde atua na Graduação e no Programa de Pós-graduação em Linguística. Líder do grupo de pesquisa Discurso e Mídias Sociais.
Endereço eletrônico: silvianunes@unemat.br

© 2019 Global Journals

O gesto de enquadramento de si não se originou no surgimento da *selfie,* é um gesto que se ressignificou, ocupando outro espaço que são as redes sociais, por meio de aparatos digitais. O que pode ter mudado neste aspecto é o posicionamento e consequentemente o ângulo selecionado para a reprodução da imagem de si, devido ao surgimento do dispositivo móvel. Mas, muito além disso, a mudança está atrelada ao contexto histórico, político e ideológico, que tem relação direta com as práticas de linguagem.

Para traçar a historicidade do gesto da *selfie,* apresentamos dados biográficos de artistas/pintores e alguns registros (em tela e câmera fotográfica) que consideramos constituir uma memória discursiva da *selfie.*

Ressaltamos que, discursivamente, a memória não é compreendida no sentido psicologista, mas sim enquanto memória social, espaço dos já-ditos. A memória discursiva funciona como sendo o universo do dizível, pelo movimento histórico dos sentidos. "Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história [...] (ORLANDI, 2009, p. 35).

Dentre os artistas/pintores selecionados para contextualizar a descrição e interpretação da memória discursiva da *selfie,* apresentamos, inicialmente, o pintor holandês Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669), considerado um dos maiores da arte europeia. Tornou-se referência, porque suas pinturas exploravam a potência da luz e revelavam o domínio que possuía no esforço da representação mimética da realidade. Seu nome é também considerado sinônimo do autorretrato, pois foi o pintor que mais se autorretratou, sendo sua imagem vista em pelo menos 30 gravuras, 12 desenhos e 40 pinturas produzidas em diferentes fases de sua vida. Vejamos algumas delas:



Figura 01: Quadro de autorretratos de Rembrandt. Disponível em: <https://lubylu88.files.wordpress.com/2015/04/img_0090.png>Acesso em: 10 Jan. 2018.

Outra artista plástica que se destacou pelos autorretratos produzidos foi Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1907-1954). Uma mulher cuja nacionalidade é de origem mexicana. Sua trajetória na pintura teve início aos dezoito anos de idade, após sofrer um grave acidente e ter todo seu corpo perfurado. A idade na qual Frida adentrou no universo da arte chama a atenção, pois se difere do processo de inserção de outros renomados pintores, que ainda na infância, começaram a explorar a habilidade na arte da pintura.

Frida Kahlo, ao longo de sua vida, foi acometida por graves problemas de saúde, porém nada disso foi empecilho para se destacar na história, na política e na arte. Mas para essa pesquisa, em específico, nos interessa trazer sua relação com a pintura. Frida pintou inúmeras vezes o seu rosto,mas seus autorretratos comumente traziam algum elemento que os diferenciava dos demais autorretratos de sua época. Suas pinturas eram carregadas de cores fortes e imagens instigantes. Conforme podemos ver abaixo:

© 2019 Global Journals



Figura 02: Quadro de autorretratos de Frida Kahlo.Disponível em:<https://br.pinterest.com/pin/859203053651713 13/?lp=true> Acesso em: 01 Jun. 2018.

Outro exemplo que podemos trazer para nossa reflexão refere-se a Vincent Willem Van Gogh (1853-1890). Somam-se mais de 43 produções, todas elas foram criadas em apenas quatro anos, no período que vai de 1885 a 1889, pouco antes de sua morte. O gesto de se autorretratar em Van Gogh tinha como objetivos estudar a si mesmo, em momentos de introspecção ou quando lhe faltavam modelos. As datas de cada produção de seus autorretratos coincidem com momentos importantes ocorridos na vida profissional do artista. Apresentamos abaixo alguns de seus principais autorretratos:

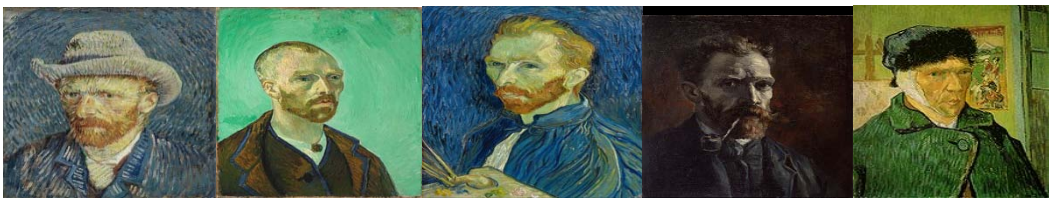


Figura 03: Montagem de autorretratos de Vicent van Gogh. Disponível em:<www.bing.com/images/search?q=autorretrato+de+van+gogh&FORM=HDRSC2>Acesso em: 15Ago. 2018.

Na área da fotografia, no período de 1839, tivemos o primeiro autorretrato fotográfico produzido por Robert Cornelius (1809–1893), um alemão, emigrado em Filadélfia nos Estados Unidos da América.



Figura 04: Imagem considerada o primeiro autorretrato fotográfico. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/a-primeira-selfie-da-historia/>Acesso em: 30Ago. 2017.

© 2019 Global Journals

A constituição dos sujeitos varia de acordo com a conjuntura sócio histórica e política na qual estão inseridos, podendo, nesse sentido, ser afetada pelas tecnologias de cada período da história. Nesse momento, estamos falando em tecnologia em sentindo amplo, incluindo não somente a criação de objetos eletrônicos, mas todas, inclusive a escrita, porque isso faz parte da história.

O que queremos dizer neste ponto, é que quando surgiram os primeiros autorretratos em tela, por exemplo, ainda não existia a máquina fotográfica, *Internet* ou *smartphone.* Desse modo, temos condições para afirmar que, no caso de Rembrandt, que se autorretratou por aproximadamente 100 vezes, no ano de 1600, ao olhar para o espelho e expor na tela sua imagem através da pintura, produz um gesto que não pode ser considerado o mesmo que estrutura a *selfie,* especificamenteem sua relação com a circulação, pois Orlandi (2012, p. 11-12) explica que: "[...] os "meios" não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc.)".

Assim também acontece com os autorretratos fotográficos que surgiram a partir de 1839. O gesto de produzir um olhar para si e se registrar nestas duas práticas mencionadas está sustentado em formações imaginárias diferentes das da *selfie.* Não podemos negar que há algo que se mantém, como o exercício de olhar-se e se reproduzir, mas a finalidade da *selfie* é outra, sendo sustentada pelo imaginário da circulação, nas condições de produção do sistema capitalista.

A prática do autorretrato (como realizada pelos pintores já citados) não se inscrevia nos modos de circulação como acontece na atual conjuntura (século XXI), pois as condições de produção não eram as do discurso digital, cuja circulação, garantida pela fluidez das redes sociais, ainda não existia.

A memória discursiva do autorretrato permitiu o surgimento da *selfie.* Entretanto, por essa prática estar voltada ao espaço das redes sociais - lugar que institui o que Orlandi (1996) chamou de memória metálica, onde a significação se dá pela atualização e circulação - o sujeito é interpelado a fazer várias *selfies* para se manter visível nas redes sociais.

Para a autora, a memória metálica apaga a memória histórica e ressalta que a primeira está para o que a mídia faz com a linguagem. Em específico, analisa o funcionamento da Tevê afirmando ser este um lugar da produtividade e não da criatividade, pois "no processo criativo, no que diz respeito à linguagem, há um investimento no mesmo, mas que desloca, desliza, trabalhando o diferente, a ruptura." (ORLANDI, 2012, p.179-180), sendo este processo estruturado pelo interdiscurso, a memória do dizer. Já a produtividade trabalha no oposto, onde o foco "não se trata de produzir a ruptura, mas a quantidade, a reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente, o variado". (Idem).

Ainda no estudo de Orlandi, sobre criatividade e produtividade, entendemos que a *selfie* se configura nessa tensão. Num primeiro momento, temos o gesto da *selfie* se inscrevendo no âmbito da criatividade, quando o "gesto do autorretrato" é trazido para os dispositivos digitais, ou seja, tem-se o investimento no mesmo, mas desloca, desliza de autorretrato, e instala o diferente: a *selfie*. A ruptura é que o registro de si deixa de ser algo possível apenas com uso do pincel e da tela. O deslizamento se dá no momento em que essa prática se insere em outro lugar, além de uma tela fria de um ateliê, passando a existir no *online* a partir dos dispositivos móveis do meio digital. Entendemos esse processo como algo da ordem da criatividade, referente ao ponto de vista do sujeito contemporâneo. No entanto, o lugar para o qual o gesto é trazido segue o funcionamento da mídia apresentado por Orlandi quando fala sobre o que a Tevê faz com a linguagem. São espaços dizíveis cujo objetivo é a quantidade, a reiteração do mesmo para a ilusão do diferente sem que haja rupturas.

O lugar do qual estamos nos referindo é o das redes sociais; lugar sustentado pela circulação, onde o foco é a produtividade. Assim, a circulação (quantidade) faz com que ocorra o apagamento da criatividade. A própria criação da *selfie* já lhe tira dessa condição quando projetada para a circulação. Apaga-se a memória histórica da prática, que seria da criatividade, e desse lugar da criatividade abre-se espaço para a produtividade quando a *selfie* passa a se inscrever em outro espaço de significação que é o das redes sociais, lugar de determinação dos sentidos por meio de ferramentas como os filtros, que buscam enxugar a movência dos sentidos.

A partir do momento em que se cria um perfil nas redes sociais e se passa a acessá-las através dele, independente se estará disponível (*online*) ou invisível/indisponível (*off*-line) o sujeito é instado a movimentar seu perfil através da realização de postagens de diferentes ordens, pela escrita, por fotos e etc., pois ao postar, o perfil entrará na forma de organização da circulação nas redes sociais e desse modo esse perfil será conhecido dos demais, essa é a condição de se tornar "conhecido" na rede. Se não postar, as outras postagens vão ofuscando o perfil estanque da e na rede. Funciona semelhante ao jargão "quem não é visto não é lembrado".

Desse modo, a forma de organização desse meio de circulação que são as redes sociais na *Internet* está condicionada ao movimento de quanto se posta, curte, comenta, compartilha e reage. É por essa configuração que a rede se mantém. Dado a esse chamamento para postagens, esse efeito ideológico das redes sociais dá lugar à produtividade, sendo uma

© 2019 Global Journals

das formas de manter em evidência o perfil de forma rápida. Por essa razão existe também nas redes a "variedade do mesmo em série" (ORLANDI [1996], 2014, p.180). Nesta perspectiva, a autora exemplifica o efeito de série na mídia televisiva, levando em consideração as novelas.

> Há anos assistimos a mesma novela (de um lado, os ricos, morando nos grandes prédios, condomínios, de outro, os pobres, vivendo nas vilas e que circulam uns entre os outros e que se enredam e acabam se envolvendo etc), em vários cenários (São Paulo, Rio de Janeiro, Nordeste etc) representada por variados atores, construindo variadas personagens, em variados horários (das 6, das 7, das 8hs...). (Idem).

Nas redes sociais o efeito de série pode ser exemplificado nas *selfies* de diferentes pessoas, em que a estrutura é a mesma, onde o ângulo principal é sempre o rosto, o braço estendido, normalmente sozinho ou em grupo e algumas chamando a atenção para um segundo plano, dando visibilidade a uma paisagem ou algo que queiram apresentar. O efeito de série também está nas várias *selfies* da mesma pessoa, as paráfrases de si, seguindo o ritual de reprodução do mesmo, pois "não se sai do mesmo espaço dizível, se explora a sua variedade, as suas múltiplas formas de a-presentar-se." (ORLANDI, 2014, p. 180).

Nessa direção, apresentamos uma imagem que circulou no *Facebook*, que salta aos nossos olhos como uma paráfrase do que dissemos sobre o estar nas redes sociais. Além disso,esta imagem foi produzida inscrita criticamente na relação com o gesto da *selfie*. Vejamos:



Figura 05: Imagem postada na página "Artes Depressão". Disponível em: <https://www.facebook.com/ArtesDepressao/photos/a.196281473834625/1547338568728902/?type=3&theater>Acesso em: 13 Out. 2017.

A imagem apresentada foi publicada na condição de *post* pela página "Artes Depressão". Essa página teve início em 2012, sendo categorizada pelos próprios criadores como um *site* de entretenimento, de artes e humanidades em que o lema é: "A gente não quer só comida. A gente quer comida, humor, diversão e arte!" Foi neste espaço que encontramos esta imagem, que diz respeito a René Descartes (1596-1650). Um filósofo, físico e matemático francês conhecido também por seu nome latino Renatus Cartesius, considerado pai do racionalismo, sendo conhecido como um dos precursores desse movimento. A imagem faz uma adaptação da pintura realizada por FransHals e uma paráfrase da tradução portuguesa do "*Cogito*, *ergo sum*": "Penso, logo existo". Esse foi considerado um dos princípios básicos da ciência moderna. Como já dissemos, essa imagem imbricada com o verbal reitera o sentido do que estamos propondo acerca do funcionamento da ideologia que rege as redes sociais, de que esse sujeito para existir neste lugar, precisa postar e assim a rede se constitui, o algoritmo já é programado dessa forma. Se não há postagem, o perfil quase não é visualizado, mas também é válido lembrar que a ideologia falha e que não são todos que estarão voltados à prática de postar sempre.

Temos o enunciado central, que faz referência a célebre expressão de R. Descartes. Em seguida, no rodapé da imagem, abre-se, ou melhor, lê-se o seguinte enunciado, em forma de legenda: *Mas descartes*

© 2019 Global Journals

algumas antes. O enunciado apresenta, de início, uma conjunção adversativa seguida de outros termos que dão sentido à oração. A produção de sentidos para a palavra *descarte* funciona por metáfora na relação com o nome do filósofo René Descartes, que, levada em consideração seu aspecto morfossintático, seria um substantivo próprio, pois se refere ao sobrenome do filósofo. O deslizamento acontece no âmbito semântico, pois conforme o enunciado a palavra *descarte* é um verbo, que se apresenta no modo imperativo, produzindo o efeito de sentido da necessidade de um processo de seleção para as *selfies* antes de se realizar as postagens, ou seja, antes de colocá-las em circulação nas redes sociais.

O jogo entre *descartes-Descartes* se sustenta em vários efeitos de pré-construídos. Alguns deles estão relacionados a quem foi René Descartes, que conforme já mencionamos, é considerado o pai do racionalismo, concepção esta que defende que o sujeito só existe porque ele pensa, ou seja, está nele a condição de sua própria existência, sendo o centro e o responsável por tudo que está relacionado a si mesmo. O racionalismo é uma corrente filosófica cujo princípio está voltado na busca pela certeza, defendem que é pela razão que se alcança a verdade.

No *post* se produzem efeitos de sentidos de que na era das redes sociais só pensar não garante a "existência", pois é preciso, além de pensar, *postar.* É a ideologia da globalização e circulação funcionando. A partir da tese de Descartes, que é voltada a uma suposta lógica de existência, sentidos são ressignificados inscritos na demanda da globalização. "Penso, logo existo!" Posto, logo existo! Não é só fazer a *selfie*, assim como está no *post*, tem que postar no "*Face",* (esse processo também pode ser relacionado aos três momentos do discurso: Constituição, Formulação e Circulação).Porque a questão da circulação não é apenas algo que funciona e que é estruturante do espaço das redes sociais. A circulação, no modo como a estamos propondo, vai muito além disso, não é só uma característica que está na ordem do técnico, ela é muito maior. Estamos falando da ideologia do consumo que tem como princípio a circulação, e as redes sociais apresentam essa propriedade porque nascem no seio desta ideologia.

Consideramos também que o texto da postagem traz exatamente o que se espera do processo de produção de uma *selfie,* principalmente quando inclui o crivo de seleção em que algumas precisam ser descartadas. Compreende-se que não é regra produzir apenas uma *selfie* e postá-la, há aí a possibilidade de dizer que comumente o sujeito pode produzir mais de uma e, em seguida, fazer uma leitura de si (processo da Formulação), para selecionar a que mais corresponde à sua projeção imaginária constituída e afetada pela ideologia capitalista, no que diz respeito ao consumo.

Quando dizemos consumo, falamos sobre algo além de comércio, obviamente. Falamos sobre a infraestrutura material de produção e reprodução das relações econômicas na medida em que ela constitui também um modo de funcionamento superestrutural: falamos sobre o consumo como lógica de constituição das subjetividades (PEQUENO, 2014, p.70).

A questão do consumo está para além do comércio em si. Na realidade ela é ideológica e, assim sendo, tem feito parte da constituição das subjetividades na forma sujeito histórica capitalista. A motivação da prática da *selfie* não é exatamente de cunho comercial (no sentido de que todo aquele que a pratica visa fins lucrativos) e sim uma interpelação ideológica que envolve sujeitos, independentemente da classe social.

Desse modo compreendemos como a constituição das subjetividades, dentro desse contexto histórico e político, é afetada pela estrutura ideológica de consumo. Por isso, sem perceberem estão em busca da circulação, ou seja, daquilo que promoverá a visibilidade dessa imagem fotográfica.

II. Considerações Finais

Para empreendimento de nossa discussão é fundamental ressaltar que essa pesquisa possibilitou algumas compreensões acerca do funcionamento da *selfie* por uma perspectiva discursiva, diferentemente do modo como é vista por outras áreas, pois mostra a relação do sujeito com a língua e a história. O que nós procuramos dar visibilidade é que o gesto também é linguagem, e que se significa por sentidos já historicizados. Recorremos as palavras de Orlandi, onde o exemplo não é especificamente sobre o gesto, mas que nos permite compreender como ocorre em práticas de linguagem não-verbal.

> A memória, nesse domínio de reflexão, é o que chamamos *interdiscurso,* o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre a qual não temos controle. Trata-se do que foi e é dito a respeito de um assunto qualquer, mas que, ao longo do uso já esquecemos como foi dito, por quem e em que circunstâncias e que fica como um já-dito sobre o qual nossos sentidos se constroem. O sentido por exemplo de família. Desde os mais remotos tempos, quanto já se disse a propósito da família... Como a palavra família já apareceu nas diferentes falas de pobres, ricos, remediados, servos, escravos, senhores etc, ao longo de toda nossa história? Nem sabemos como esses sentidos chegaram e continuam a chegar até nós nos diferentes dizeres que agora mesmo estão sendo produzidos sobre família. No entanto, quando falamos "família" temos a impressão de saber o que estamos dizendo. (ORLANDI, 2012, p. 180)

Ao longo do trabalho objetivamos traçar a historicidade que sustenta a prática da *selfie*, para dar visibilidade à ideia de que o gesto de auto projeção não começa na atualidade.Trouxemos um exemplo que é a

© 2019 Global Journals

prática do autorretrato. A questão é compreender que a linguagem funciona neste jogo entre o mesmo e o diferente, ou seja, entre a paráfrase e a polissemia. Compreendemos que há uma repetição do gesto do autorretrato na prática da *selfie*, mas ambas não são exatamente a mesma coisa, pois a formulação e circulação de cada uma promove sentidos diferentes para quem as pratica/realiza e para aqueles que terão acesso a essas imagens em circulação.

Ver um autorretrato exposto numa tela fria de um ateliê convoca interpretações diferentes das que ocorrerem ao ver uma *selfie* circulando em uma página nas redes sociais digitais. E do mesmo modo o imaginário do sujeito no momento em que se olha e escolhe o ângulo para se registrar e ter sua imagem circulando numa galeria de artes ou numa página de *Fabebook,* por exemplo, convoca olhares diferentes para si mesmo.

Além disso esse jogo de auto projeção é algo da ordem do Significante, gesto marcado por outras formas de manifestação da linguagem, além da fala e da escrita, pois produz sentidos pelo olhar. Essa prática define o autorretrato, por exemplo, desde seu surgimento, assim como os exemplos dos pintores citados no trabalho. Porém, ressaltamos que na atual conjuntura essa prática comporta outros atravessamentos dada a produtividade da circulação.

References Références Referencias

1. ORLANDI, E.P.Análise do discurso: princípios e procedimentos – São Paulo. 8 ed. Pontes, 2009.
2. _____. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. 4ª Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
3. _____. Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996 (2004).
4. PEQUENO, Vitor. Nos subsolos de uma rede: sobre o ideológico no âmago do técnico. Campinas, SP: [s.n], 2015. Dissertação de Mestrado.
5. SIBILIA, Paula. O Show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
6. Link de acesso as imagens
7. Quadro de autorretratos de Rembrandt. Disponível em: https://lubylu88.files.wordpress.com/2015/04/img_0090.png Acesso em: 10 Jan. 2018. Quadro de autorretratos de Frida Kahlo. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/85920305365171313/?l p=true> Acesso em: 01 Jun. 2018.
8. Montagem de autorretratos de Vicent van Gogh. Disponível em: <www.bing.com/images/search?q=autorretrato+de+van+gogh&FORM=HDRSC2> Acesso em: 15 Ago. 2018.
9. Imagem considerada o primeiro autorretrato fotográfico. Disponível em:
10. <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/a-primeira-selfie-da-historia/>Acesso em: 30 Ago. 2017.
11. Imagem postada na página "Artes Depressão". Disponível em: <https://www.facebook.com/ArtesDepressao/photos/a.196281473834625/1547338568728902/?type=3&theater> Acesso em: 13 Out. 2017.

© 2019 Global Journals